TL7173

Questões a serem clarificadas

'I. PORQUE REORGANIZAR?'

1. RH, Co-Presidente do CNRM.

A função de Co-Presidente ~~apareceu~~ apareceu para responder a uma situação considerada 'in extremis'. Após a minha captura mas sobretudo do Má Huno, Konis estava atrapalhado e, com Sabalae, tomando consciência das suas dificuldades, decidiram entregar o comando (político) da luta ao Companheiro RH, essencialmente para salvaguardar o pensamento estratégico da solução do problema.

RH foi sempre do princípio de que a Direcção da Luta tem que estar no interior da Pátria, pensamento que foi um dos factores da ruptura com Abílio Araújo.

RH aceitou então fazer parte de uma Troika com Konis e Sabalae, donde resultou a designação 'Co-Presidente do CNRM'.

Depois da minha retomada de funções de Comandante das Falintil, essa função autòmaticamente deixou de existir. Todo o mundo soube disso.

2. Porque Representante Especial do CNRM e, ao mesmo tempo, Representante Pessoal?

Esta questão implica a definição prévia de outras questões, pelo que, mais a frente será abordada.

1.1. 'A Frente Diplomática do CNRM não é uma estrutura: é um indivíduo ...'.

a- Aqui entendo o 'CNRM existente' e não o CNRM que os companheiros defendem!

O próprio 'CNRM existente' e de que faço parte e do qual sou por todos aceite como 'lider', vê uma estrutura no 'CNRM diplomatico do RH'. As estruturas, muitas vezes e tenho experiência disso em 17 anos, são verdadeiramente estruturas quando são operativas e não quando apenas aparecem como escalonamento de quadros. É o carácter funcional da estrutura que se deve buscar, quando se tenta extrair o conteúdo da estrutura, e não o organograma de quadros em si mesmo.

O 'CNRM diplomático do RH' apresenta a sua funcionalidade na activação (muitas vezes despercebida) de actividades. E quando existem tarefas e quem as executa, há estrutura.

As estruturas não se valem pela sua grandeza, mas pela sua eficiência.

E nenhuma estrutura sobrevive sob uma horizontalidade da organização. E toda a organização requer um responsável. Aí está o indivíduo.

b- Nenhuma organização é representada, ao mesmo tempo e em todos os lugares, pela sua estrutura. Mais especificamente, por todos os seus membros encaixados na estrutura.

Toda a estrutura define tarefas e posiciona indivíduos e toda a estrutura é uma máquina em que as peças trabalham o seu papel concreto, sob a activação do motor.

Se não percebemos estrutura assim, no exterior, qualquer pessoa é porta-voz e o mundo não saberia a quem ouvir.

É aí que se destaca o papel do indivíduo. Se um Christopher vai fazer pronunciamentos no Médio Oriente ou no Japão, não se deve esquecer dos trabalhos dos diplomatas ali colocados. Normalmente esquece-se, não se dá impor -

tância e pretende-se que o Warren Christopher é que faz tudo. Até às vezes, o WC é que vai tratar para o Clinton ir para lá. Quando lá chega Clinton, WC aparece como se fosse apenas uma testemunha mais de um evento.

Não caiamos no ridículo de toda a máquina estrutural ter as mesmas competências e ... oportunidades para todos aparecerem como 'também são'.

Nenhuma democracia defende o igualitarismo absoluto e nenhuma organização pode sobreviver se não há centralização.

1.2. Papel da Fretilin e Papel do CNRM

a- A inicial não-aceitação do CNRM foi a percepção de que a Fretilin deixara de conduzir a luta. Logo depois, a Comissão Directiva da Fretilin foi a resposta política (autoritária) para pôr fim a questiúnculas vividas em torno de 'Presidente da Fretilin no Exterior' e sua capacidade de enviar ordens ao interior. A CDF estava e continua subordinada organizacionalmente ao Comandante das Falintil, em questões da Luta/Resistência.

O tempo veio mostrar mais rupturas ainda no seio da Fretilin no Exterior.

b- Deve-se tornar a dizer que, estruturalmente, quem comanda a Luta é o Comandante das Falintil e a CDF está subordinada a ele.

Estruturalmente (entendido em termos práticos) se 'RH é o Representante Pessoal' do Comandante das Falintil, NKS não se esqueceu do seu próprio chefe.

Não o é, para NKS, 'RH o único que pode solucionar a questão'. RH é-o para o (tal) CNRM do interior, porque é o seu Representante Especial.

Assim, mais do que esquecer da UDT e Fretilin e da Igreja Catolica, NKS advertia para um pensamento do "CNRM do interior, liderado pelo Comandante das Falintil".

(Mais adiante, falaremos de solução).

1.3. ' A estrutura do 'CNRM de fora' é a estrutura de mais um partido Timorense.'

Devo aclarar, por força das circunstâncias politicas e ideológicas, existentes no seio da comunidade timorense no exterior.

1.5. 'A justificação parece ser de que sofreram.'

Creio que o 'parece' trabalhou demais, porque não foi a base para a escolha.

Repara-se realmente que alguns "jovens" estão credenciados e os DOUTORES, NÃO!

A base da escolha foi a sua disponibilidade para <u>inteira submissão</u> às Directrizes do CNRM e o espírito de <u>total disciplina no cumprimento.</u> Se foram os que saíram daqui, este foi apenas um factor condicionante, porque em princípio, todos os que sairam recentemente daqui, estavam "Obssessionados e 'doutrinados' para seguir cegamente o CNRM". Para esses Jovens (talvez por não serem doutores), para vencer a guerra, o princípio da Unidade não é Unidade folclórica mas a Unidade do Pensamento. Para esses Jovens (talvez porque sairam de uma situação onde não havia democracia, ao passo que os doutores lá fora estão mais do que amplamente percebedores das regras democráticas), enquanto há uma Direcção e uma guerra para atender, CUMPRIR é A tarefa!

'Diz-se que outros Timorenses no Exterior não querem trabalhar: o que não

querem é entrar para o meio de uma grande confusão managerial e política e muito menos ser manequins'.

Pensar-se que se é 'manequin', porque se lhes roubaram a VOZ, lhes cortaram os BRAÇOS e as PERNAS, lhes minimizaram as IDEIAS, lhes mataram INICIATIVAS e se lhes apagaram os NOMES, a disposição destes verdadeiros filhos de Timor é enormíssima! Se estivessem no mato, teriam sido TODOS, COMANDANTES, não haveria soldados! Comparando com outras lutas de libertação, só os Timorenses sabem exigir mais para si do que dar! À sua Pátria!

1.7. O Comandante passa Credenciais

A análise está deslocada em tempo e objectividade.

Devia-se dizer: O Comandante passou, em tempos, credenciais. O que acontece agora?

E eu teria respondido:

Porque, desde antes, as representações eram de todos, todos representavam o Povo Timorense dentro das suas próprias estratégias e para que o pensamento do CNRM, 'diálogo sem pré-condições indicando uma via de solução', fosse defendido em diversas áreas do globo, foi preciso reunir certas pessoas para falar sobre isso. Para que fossem ouvidos, como intérpretes seguros deste pensamento, é que passei as credenciais. As credenciais não os faziam 'ministros' com casas e carros para levar os filhos a escolas privadas, mas ... simplesmente os identificavam!

Hoje, porque está ainda "numa grande confusão managerial e política", estes jovens continuam a fazer o lobby. Não se pense que a presença deles numa direcção ou área já CONSTITUIU POR SI SÓ UM AVANCO, JÁ CRIOU DE UMA VEZ POR TODAS, AS CONDIÇÕES DESEJADAS E QUE TODA A GENTE FICOU A CONHECER O CASO DE TIMOR-LESTE.

O LOBBY É CANSATIVO, TEM QUE SER PERMANENTE E A PESSOA DEVE SER ORIENTADA NA PERSISTÊNCIA!

Se jovens americanos de alguma universidade dos EUA subscreverem alguma petição a Clinton, isto não aparece por acaso, isto nao é apenas questão da Solidariedade Internacional. Foi preciso que estar-se lá presente a apelar, a informar e a bater sempre ... na mesma tecla, para que nos percebam o Foho Ramelau!

Assim, não se pense que os Jovens Credenciados tomam muitas acções de Renome, apossam-se de muitas actividades de importância. São jovens lançados para continuar a contactar pessoas, a ver a situação, acompanhar o estado da aceitação do problema.

Quando se dá ouvidos a um informante e não se tenta conhecer a situação objectivamente, aparecem sempre estas distorsões!

Devo aclarar que naquela Conferência foi assente que:

1- em Portugal, o Representante da Resistência seria Roque Rodrigues e Luís Cardoso/CNRM e Alfredo Silva/UDT seriam adjuntos do RR, seus subalternos.
2- em Bruxelas, apenas Zacarias da Costa
3- José Amorin passou a tomar conta da Holanda e Direitos Humanos da ONU em Genebra.
4- Nos EUA, ONU e Canadá, o Representante da Resistência é o José Luis Guterres. E Constâncio Pinto e Abe Barreto, os adjuntos, subalternos por-

tanto.

5- Na Austrália, a situação política é a própria imagem da Resistência no Exterior. E isto está fora do controle geral.

No mesmo sistema acima descrito, o Domingos Oliveira seria o "homem chave" da Resistência naquele larguíssimo continente onde se encontram mais de 50% da comunidade timorense na diáspora.

Se pudessem perguntar aos próprios elementos da UDT, poderiam conhecer a autoridade moral e política do Secretário-Geral da UDT, do seu entusiasmo organizador e organizativo, das suas iniciativas, etc.

A Fretilin tem 2 representantes, Estanislau e Alfredo Borges, assim como o CNRM.

Estando também na Austrália o Sr. Engenheiro João Carrascalão, Presidente da UDT, e Coordenador da CCFD, lògicamente se devia esperar que ele seria a figura numero 1 da Resistência na Austrália.

Ventos me fazem chegar aos ouvidos que, depois do Schlaining, a uma convocatória do Presidente da UDT, só a Milena Pires e um jovem udetista é que compareceram. Pode não ter sido tão vexante este 'gossip' político, mas eu acredito que não será totalmente falso.

Filhos de personalidade da velha guarda da UDT, escreveram-me, em 1992, apoiando o CNRM e lamentando os seus dirigentes.

Alfredo Borges Ferreira, um grande defensor da ideia de eu ser o Presidente da Fretilin, em 1989/90, juntou-se ao Abilio Araujo e depois ... frustrado (talvez consigo mesmo), está a apagar-se ...

(Com Estanislau e José Filipe, eu próprio mantenho correspondência, ajudando-os com ideias para activar as organizações do seu Partido).
Na Austrália, o clima é tìpicamente timorense. 'Ninguém ouve ninguém , ninguém respeita ninguém,' para se utilizar uma linguagem mais assustadora. A Fretilin não liga à UDT e vice-versa. O 'CNRM' não liga nem à Fretilin nem à UDT e vice-versas.

O próprio RH não recebe afectos e isto é para se ver que, realmente, há democracia lá, porque existe a liberdade de pensamento e comportamento.

A má-lingua, característica agradável do sentido de humor timorense, entrou como 'behaviour' politico para a apreciação de outros, actuando já como norma.

Esta situação política só poderá ser resolvida quando os Responsáveis politicos se dedicarem com alma à luta e não às suas próprias figuras!

1.8. 'É sintomático de ambiguidades, o Comunicado número 1 da CCFD'.

Não foi ambiguidade. Para mim, foi já dado um passo importante. Atendendo à base do problema da Unidade no Exterior, toda a pequena mudança (o desejo seria imediata) é significativa.

'A definição permite entender que, [redacted]

primeiro: poderão continuar a ser 'partidárias'.

São e não são, conforme o ângulo pelo qual se veja a questão, nunca esquecendo o respondido no 1.7.

segundo: Consideramos de vital importância, as áreas onde estão os centros

do poder de decisão.

Os centros mundiais de decisão são os EUA e a seguir o Parlamento Europeu.

Angola, podemos ver que não representa 'tanto' e Japão é um país que se EUA diz sim, ele diz sim.

consideramos de 'vital importância', as áreas onde devemos incidir os nossos "lobbies", porque nessas áreas, as decisões tomadas influenciam positiva ou negativamente o nosso problema.

No Sudeste Asiático temos a Asean, que está totalmente comprometida com a Indonésia, um Vietnam, um Cambodja e um Laos, países dos quais não vemos muita capacidade para defender a nossa causa e mesmo que reconheçam a RDTL, isso não assusta a Indonésia.

A expressão não é para ser diplomática, mas para se perceber onde os nossos esforços devem apostar, para se manter acesa a questão. Nem Angola nem nenhum outro país ficariam magoados por essa classificação REAL do mundo.

terceiro:'Será necessário recordar que o carácter das nossas representações, não é apenas para 'representar' uma luta ..., mas para travar um combate diplomático no seu conteúdo ...' (o sublinhado é meu). Totalmente de acordo mas,

É aqui mesmo que reside o busilis da questão.

Muitas representações partidárias apenas tinham a missão de fazer-nos saber que 'ali' existe um timorense que vive lá para fazer umas declarações por ano.

Foi assim que o CNRM colocou alguns jovens, com a missão de fazer um lobby permanente. Enquanto a Indonésia é rica e tem diplomatas em todo o lado e joga com as suas potencialidades económicas, os representantes do CNRM foram colocados em regiões de vital importância para defender o pensamento do CNRM.

" ... é necessário estarmos bem organizados, para definirmos objectivos, planos, estratégias (eu colocaria, estratégias, objectivos e planos), recursos e métodos de trabalho comum?" (o sublinhado é meu). Ainda TOTALMENTE DE ACORDO mas,

O fundamental problema reside precisamente na capacidade de definir-se estratégias e seus objectivos e traçar-se planos ... COMUNS!

Não se coloca aqui o objectivo supremo da Libertação que, ninguém nega, UNE a todos os Timorenses.

Objectivos têm um sentido amplo e complexo que utilizamos para definirmos os interesses que buscamos numa ou outra direcção, numa ou outra área de actividades e qual o prazo para os conseguirmos.

- Objectivos são os interesses que buscamos, no traçado dos planos, porque os planos perseguem precisamente objectivos a serem alcançados.

Só se conseguem traçar planos objectivos (que correspondam à situação, que respondam às exigências), quando existe uma Estratégia.

- Se estratégia é a linha do pensamento que define os percursos a seguir para se alcançar o objectivo supremo, é necessário haver uma estratégia.

Na nossa guerra, para cada campo de actividades traçamos uma estratégia (parcial) segundo as condições concretas em que essa frente se debate.

Contudo, todas essas estratégias parciais são apenas, pouco ou muito, factores que condicionarão o desenvolvimento da Estratégia Geral.

A Unidade é sempre produto de Comunhão De Princípios. Sem Comunhão De Princípios, a Unidade torna-se um embaraço, uma confusão e vai revelando 'esforços para se manter a Unidade'.

A Estratégia Geral, evidentemente, é a Estratégia de solução do problema.

Aqui está a base do problema estrutural no exterior.

'2.OPÇÃO PELA REORGANIZAÇÃO - as implicações são'

"2.1. Como se encaixa a 'instituição' das credenciais do Comandante Xanana Gusmão nestas competências no mecanismo das credenciais? O problema não é CCFD. O problema é o 'CNRM'!"

Primeiro, está claro que as credenciais (salvo ao RH), foram apenas para os representantes locais do CNRM serem aceites como tais, numa primeira fase da sua actividade. Eu creio que é lógico pensarmos que um embaixador chega a um país (eu não estou a classificar estes jovens de embaixadores, apenas faço como exemplo) apresenta o documento que o credencia no primeiro momento e, portanto, não se concebe que por cada vez que ele aparece ou é solicitado lhe estão constantemente a pedir pela credencial.

Assim, não existe 'instituição de credenciais', porque elas serviram para cobrir uma necessidade no tempo, a necessidade de identificá-los.

Segundo, se o CNRM foi à reunião que estabeleceu a CCFD com disposição de encontrar uma saída, não para aparentar Unidades, mas para se conseguir uma Unidade de princípios e objectivos, é natural que as representações serão um assunto estrutural a ser estudado e resolvido, com o tempo.

A ser, futuro, proveniente do 'atribui-se competências para ... abrir e/ou encerrar representações diplomáticas de Timor-Leste ...'. Se já houve certas movimentações, isto não significa que foi TUDO o que já se fez, aliás o 2.2. diz: 'existe uma Comissão de ESTUDOS nomeada pela CCFD!'.

O problema aqui está invertido, não é o 'CNRM' mas a CCFD. Eu não sei se os companheiros lembram-se que o CNRM estava disposto a discutir o Plano de Paz e o Sr. João Carrascalão, numa entrevista a seguir a Conferência disse que 'por escassez de tempo, não foram debatidos alguns assuntos de menor importância' - não ponho o 'sic' porque não são exactamente as palavras.

Quero lembrar uma outra reacção da imprensa portuguesa: 'Uma cabeça com três soluções'.

Do CNRM, é ja demasiado conhecido, o João Carrascalão tinha a sua solução, o Mari tinha também a sua estratégia de solução.

Sem falarmos da estratégia de Abilio Araujo, do Vicente Guterres, que deseja pura e simplesmente o regresso de Portugal, do grupo de Macau, Tilman e Tomas de Jesus, etc,etc, do Grupo de Lopes da Cruz, do grupo do Abilio Osorio, etc,etc.

2.2. Está claro e ha 5, não, 6 meses! Portanto, eu creio que o problema não é nem será o 'CNRM', porque para a resolução daquela Conferência em Lisboa, houve boa participação dos membros do CNRM, o que indica que houve não só disposição mas total participação nessas mudanças.

É bom que se saiba a percentagem das participações da UDT, Fretilin e CNRM, para uma (importante) reunião, programada desde longa data.

'...estudar "as formas conducentes à edificação de um corpo externo totalmente unificado" e "tendo como base as diferentes componentes da Resistência

capaz de representar plena e eficazmente o Comando da Luta e o Povo de Timor Leste'. (tomo o sublinhado como meu).

Por conhecer a realidade política lá fora, eu estou satisfeito, porque houve um compromisso (teórico, político). Na política, os compromissos vagos são sempre bem aceites por todos, mas o facto de um ter aceite fazê-lo prende-o à obrigação de manter.

Fica assim a perspectiva de explorar os caminhos. Foi um avanco, grande, porque permitiu o início sempre desejado e, pequeno, se não correspondeu às expectativas do nosso Povo!

2.3. "A CCFD quer (?) agora fazer o que o RH devia ter feito ... ."

Os companheiros não são objectivos nas suas análises. Partem de pressupostos teóricos e esquecem-se da realidade no tempo.

A historiologia tem como regra basear-se nos factos para explicar o comportamento dos agentes desses factos, mas comportamento ou acto nunca isolados de uma situação conjuntural.

Ao tempo, do 'mandato (para) reorganizar e reajustar a FDRN', havia esta situação que eu quero recordar:

a- inoperância da DEF (não em termos absolutos, mas em questões pontuais)
- passividade da UDT (não em termos absolutos)

b- polémica do CNRM, aceitação e não-aceitação, sob o princípio de que negava à Fretilin a liderança histórica
- ruptura na DFSE, com a saída de RH que criou o SIR (Secretariado Internacional da Resistência) uma como que 'Instituicao de Relaçoes Externas'; (que veio dar corpo estrutural à feitura da Representação do CNRM).

c- Depois da morte do saudoso Dr. Moisés do Amaral a crise de identidade na UDT
- Depois, a ruptura da facção do Dr. Abilio Araujo.

Na altura, eu deixara simplesmente de conectar com a DFSE. Não se podia, se os nossos princípios não se comungavam.

Os princípios são a base da Unidade. Em 1982, logo na primeira carta que enviei para fora, reatando assim os contactos, perdidos desde a captura do rádio com o Alarico, anunciei: Ficasse bem claro que o interno é determinante e a DFSE teria apenas a missão de representar o Comando, no interior da Pátria.

Se, em questões cruciais, como a Unidade Nacional, eu tive que insistir muito, durante anos para, após receber uma mensagem minha de Janeiro de 1986, felicitando a Convergência, que só em Marco viria a ser assinada, eu não podia continuar a aguardar que aceitassem ou não, uma situação realíssima que eu apenas descrevia com o CNRM.

Fui acusado de matar a Fretilin e o Dr. Abilio Araujo manda uma mensagem a Timor-Leste, acusando-me de ter avermelhado o ideário da Fretilin que sempre fora não-comunista, apresentando-se ele como não-comunista.

Utilizei então a Renetil para veicular as minhas ideias sobre o apartidarismo da Luta.

Enquanto Abilio Araujo, actuando como Presidente da Fretilin, desejava a todo o custo ultrapassar as competências do Comando da Luta/o Comandante das

Falintil (que está no terreno e vê quais as actividades prioritárias para o Povo desenvolver), e emitir ordens para Timor-Leste para a Fretilin se reorganizar, João Carrascalão diria que 'a UDT tem centenas de milhares de adeptos e uma força de guerrilha bem equipada e activa nas montanhas'.

Hoje, eu próprio vejo para isto tudo com pena, mas só espero que os companheiros percebam uma 'conjuntura política' na nossa inegável Unidade pela Libertação da Pátria.

A DFSE tinha um precedente político-diplomático, que era a negativa a qualquer diálogo.

A UDT defendia o retorno de Portugal para descolonizar. Eu lembro-me bem de uma carta que, em Setembro (se não me engano) de 1991, escrevi ao Secretário-Geral da UDT, Domingos de Oliveira. Pedi-lhe para reconsiderar aquela via de solução, pedi à UDT para ver as capacidades de Portugal para assumir isso e afirmei que se eu tivesse visto uma mínima possibilidade de Portugal adoptar essa via de solução, teria sido eu a advogá-la, como antes eu fizera também!

Comunicou-me que estavam a recolher dados e até hoje ...

Imaginem os companheiros se se podia reorganizar e reajustar a Frente Diplomatica da Resistência Nacional.

Na FC, quando há nacionalistas a dificultar as actividades e a criar problemas, já é uma dôr-de-cabeça para se pôr termo!!! E actuam sob umas difíceis circunstâncias, a que sempre recorremos quando fazemos os nossos apelos à moderação, entendimento,etc. Na FC, não existem problemas de estratégias, não há ali questões desta ou daquela via de solução, não há ali diferenças partidaristas (como acontece com os partidos, pois gostam de deter a proeminência, ou não se chamaria partido, seria PPP ou PDI da Indonésia), não, isso não existe aí na FC, são apenas quadros 'malandros' que por se considerarem veteranos desejam ser secretários da FC. Mas dificultam ... tanto!

Eu, por mim, não acredito e ponho as mãos no fogo que partidos timorenses não procurem ganhar vantagem na feitura da CCFD. A razão é simples: numa dada altura, quando na diáspora se registava um vendaval de crises, tanto a Fretilin como a UDT, como que para se convencerem a si mesmas diziam alto e bom som que cada uma detinha uma maioria esmagadora! Como se as minorias não lutassem, foi a minha resposta à situação, feita em termos de um apelo para não se afligirem com o problema.

Se eu deixara de ter ligação com a DFSE, em Novembro de 1990, ainda escrevia ao Abilio Araujo suplicando para que me escrevesse, a prontidão (se isso é considerada manobra política, devo dizer que não há politica pura como a da religião) de RH (que até contestara o CNRM) de ultrapassar a situação foi bem aceite por mim. A minha única condição seria, total submissão ao Comando no interior da Pátria e sabia que nisto eu podia confiar no RH, porque ele sempre defendeu que a Direcção/ o Comando devia estar na Pátria.

Assim, deve-se entender que 'reorganizar e reajustar' tinha, na altura, um sentido relativo. Teria que partir daquilo, de ser um embrião. Se demorou tanto, a própria Conferencia que gerou a CCFD provou que a gestação tem sido dificil e 'isto há quase 5 meses' prova que ainda não chegamos ao 9o mês para assistirmos ao parto!

K9

O maior valor que dei, logo a seguir, ao CNRM foi o seu caracter de apartidarismo da Luta, e não a sua habilidade de UNIR! Era a percepção da realidade, extraída do desejo anterior de melhorar a realidade ... ou transformar', como se queira. O carácter do apartidarismo pressupõe aceitação que o Comando da Luta pertence ao Comandante das Falintil, pressupõe que há submissão de interesses partidários aos interesses globais da Luta. E não houve esta disposição e não sei se haverá esta disposição! A CNT era apenas 'cometimento político'. Não é questão de abolir o " 'partido' do RH", a questão é que RH segue as orientações do Comandante das Falintil, consulta-o e executa as ordens do Comandante das Falintil.

Só quando a UDT reconhecer que é 'ilogicidade ao quadrado' defender o regresso de Portugal e aceitar o Plano de Paz do CNRM, o 'partido' do RH, que é constituido por todos quantos são fiéis aos princípios de submissão ao Comando da Luta, pode desaparecer. O 'CNRM diplomático' continua a valer enquanto é necessário fazer ver ao mundo que é necessário adoptar o Plano de Paz do CNRM, por mais realístico e por mais ... pragmático ... portanto!

RH é Representante Pessoal, porque existem questões da guerra, da Luta, que não podem ser dadas a conhecer a todos, sob o perigo de que o mundo nos chame de politicos de uma república de bananas brincando a democracias em tempo de guerra.

'A CCFD poderia fazê-lo só a partir do pressuposto histórico, lógico e político, que é a abolição do 'CNRM diplomático', enquanto 'partido' do RH...'

O 'CNRM Diplomático' é o intérprete no exterior do PENSAMENTO ESTRATÉGICO DO CNRM no interior da Pátria e não pròpriamente a Representação Diplomática do CNRM do interior, como se desejaria entender com o sentido do 'CNRM inicial'.

'A CCFD poderia fazê-lo só' quando todos concordassem com outros 'pressupostos':

- 'histórico', não negação de que a Resistência de 20 anos (estamos quase em Dezembro) se desenvolveu ininterruptamente nas montanhas de Timor-Leste porque,
  historicamente falando, a Resistência nas montanhas de Timor-Leste nunca negou a existência dos partidos nacionalistas
- 'lógico', não negação de que o Comandante das Falintil detém o Comando da Luta, pelo aparecimento do CNRM porque
  o CNRM nunca negou a participação dos partidos no CNRM
- 'político', não negação de que o caracter político da nossa Luta exige a subordinação dos interesses partidários aos interesses do Povo na sua totalidade, porque
  o CNRM não é nem será um partido político que desejaria competir-se com a UDT e Fretilin

'A representação externa deveria representar e reproduzir o dinamismo no interior: se no interior todos estão integrados no CNRM, no exterior, com muita mais razão, assim deveria ser.'

Talvez haja desconhecimento de que os Comissários Politicos da UDT, no interior, ainda não quiseram integrar-se nas estruturas da FC.

Depois do Schlaining, o Presidente da UDT escreveu-me pedindo para que eu

confiasse nele.

Respondi-lhe abordando não so o problema da estratégia de solução como o problema das Falintil VS forças armadas da UDT e, sobretudo, expressando a minha preocupação de que os quadros (CPs) da UDT se negaram a colaborar na FC e perguntando se isso não fora orientação da Direcção do Partido no exterior.

Em 1992, a razão a mim apresentada, pelos CPs, era o problema de Maubere em vez de Timorense. Mas, politicamente, esta seria uma razão aceitável? O termo significaria tanto para a UDT ou influenciaria/estava influenciando tão negativamente à luta? A UDT (do Dr. Moisés do Amaral) assinou a Convergência Nacionalista, respeitando a ideologia marxista do então PM-L Fretilin! A UDT (do Sr. João Carrascalão) sente que 'Maubere' é pior que 'Marxista'!!! Pequenos gostos políticos com grandes dimensões para a Unidade!

Porque, na Conferência que revitalizou a CCFD, se levantou o problema de que o CNRM, no interior, só era formado pelas Falintil e Fretilin, RH propôs à UDT que ordenasse os seus quadros no interior da Pátria a consultarem-se com Sabalae e Konis.

Em 1991 e 1992, CPs da UDT aceitavam trabalhar mas só aceitavam integrar-se na estrutura da FC se o Maubere cedesse o lugar ao Timorense. Em 1994, um dos CPs que estava a trabalhar com Sabalae avisou a este que, por questões de segurança, ele desistia ... das actividades.

Assim, a ideia de que 'todos', no interior, estão integrados no CNRM é apenas uma aparência situacional e não uma realidade política. Em 1991, nos primeiros tempos da minha estadia em Dili, iniciei uns contactos com 'figuras' da UDT. Pedi-lhes para se organizarem ... e responderam-me que gostaram das minhas cartas mas ... que ficasse assim, o importante era eu ter confiança neles. E era eu que negava a Fretilin o desejo de reorganizar-se.

"Historicamente, precedendo o CNRM, as representações partidárias representavam (e representam) os interesses do Povo Timorense no exterior. Ou aprendemos a fazer democracia ..."

Não gosto muito desta frase. Na Pátria não há democracias por partidos. É guerra e não aceito brincar-se a democracias e a eleições.

Na guerra, porque o Povo é que sofre, e os dirigentes dos Partidos estão bem lá no exterior, se fazemos democracia, temos que respeitar mais os interesses dos partidos. Porque é guerra, os partidos é que devem tomar consciência para não andarem a puxar a brasa para a sua sardinha, para todos ajudarmos a levantar o mesmo fogo!

Posso estar a ser anti-democrático, mas não concordo com a visão de que tenhamos que agradar aos partidos, para embelezarmos a Resistência com democracias, e permitir solavancos no esforço que o 'CNRM Diplomático' está a fazer para avancar, de uma ou outra forma, o Plano de Solução.

Interesses do Povo! Um conceito para se definir, porque senão ficamos confusos, já que o seu conteúdo pode ficar demasiado vago.

Como Partidos nacionalistas, eles defendem os interesses do Povo Timorense: ukun rasik an!

O 'CNRM diplomático do RH' ainda não defendeu a integração. Aqui os interesses são comuns!

Quais os interesses do Povo agora? Evidentemente, acabar com a guerra e foi isso que o Engenheiro Tomás de Jesus pôde perceber quando foi, no comboio da reconciliação, a Timor. Dava a impressão que antes, ele não tinha dado conta disso! Mais vale tarde que nunca e graças sejam dadas ao Altissimo por ele ter ido. Disse-um boletim português na Austrália que ele e os seus companheiros em Macau iriam, a partir dali, trabalhar intensamente por isso ... E eu acredito, o Manuel Tilman representou-os em Schlaining.

Como então, os Partidos hoje defendem os interesses do Povo, a partir da percepção de que o Povo 'já está farto da guerra e quer a paz', cito o Tomás, que é 'tukang insinyur'. O S.Tomás é conhecido pelo 'Ver para crer'!

A UDT diz que os interesses do Povo só serão servidos se Portugal regressar para continuar o processo de descolonização.

A Fretilin concorda com o Plano de Paz do CNRM.

O CNRM já apresentou um pensamento, realistico tendo em conta a conjuntura global do processo, e pragmático, tendo em conta a viabilidade de aceitação por parte da comunidade internacional.

Democracia, em função dos interesses do Povo! Foi o que Mari fez ao mandar-me o seu Plano de Paz. Discutimos.

Democracia foi o que tentei fazer com a UDT, escrevendo ao Sr. Domingos de Oliveira, pedindo-lhe para fundamentar a análise deles sobre a solução do 'regresso puro e simples de Portugal'. Meses depois, ele mandou avisar que sobre o que eu pedira, eles estavam recolhendo os dados ...

Qual a percepção sobre 'democracia', em função dos interesses do Povo, quando a defesa dos interesses do Povo se reparte em pontos de vista tão antìpodamente distantes?

Se democracia é percebida na divisão equitativa entre os 2 partidos, o fantasma de 1975 têm razão de ser. Se democracia só pode ser produto da abolição do 'CNRM diplomático', o fantasma de 1975 é uma criação gostosa, porque as Falintil hoje não são as 'Forças Armadas' do MFA de 25 de Abril de 1974.

Não concebo, não consigo conceber que uma CCFD só valerá se for democrática! Como militar e enfrentando uma guerra, concebo uma CCFD representando genuinamente os interesses do Povo de Timor-Leste, se arranca com

- aceitar que o Comando da Luta está no interior da Pátria.
- aceitar que os partidos lá fora pecam por superficialidade de análises quanto à situacao concreta no território.
- submeter-se às decisões do Comando da Luta que, em ultima instância, pode aceitar ou não os pontos de vista da CCFD.

Isto depende da Direcção dos Partidos e, já disse e torno a dizer, se não há disposição dos Partidos para aceitar isso, continuarei a lutar sòzinho com o meu 'CNRM', em estreita coordenação com o 'CNRM diplomático do RH'.

Não encaro CCFD para praticar democracia. Mas uma CCFD para coordenar as actividades lá fora, activando as representações, sob um PENSAMENTO COMUM de solução da guerra.

'II. OS FACTOS'

1. CONFIRMO que o CNRM nasceu para ser 'uma estrutura nacional, onde todas as forças convergem para um objectivo comum, a Libertação da Pátria Timor'. Foi este o pensamento unificador do CNRM.

Mandei o projecto para a DFSE. Recebeu e calou. Já era costume eu acompanhar a situação da FD através de emissoras estrangeiras e os recortes que iam chegando, mandados pela solidariedade. Porque nada se comentava lá fora, um ano ou quase um ano depois, enviei uma mensagem para a Renetil, explanando o CNRM e forçando assim que se tornasse pública aquela decisão/projecto. (Eu posso acrescentar que, em fins de 93, membros da Fretilin em Lisboa escreveram-me lamentando que a mudança política em que eu declarava o afastamento da linha marxista, para retomar a social-democracia da ASDT, fora boicotada pela DFSE por uns anos.)

Como disse atrás, a situação política no seio da comunidade timorense no Exterior, quero dizer entre os Partidos e no interior de cada um deles, não permitiu realizar-se o que, teòricamente, não seria mais que passar do compromisso de mútua aceitação, elaborado em princípios que corporizaram a CNT, para uma identificação mais ampla da Resistência.

2. A 'posição super partes para melhor exercer uma missão nacional... isto é, servir a Pátria, unindo e unificando os Timorenses.'

Estou plenamente de acordo com a classificação de exigência fundamental da Luta. Se 'missão nacional' pode ser considerada 'unir e unificar os Timorenses', 'servir a Pátria' é mais imperioso, exigente e fundamental para o Comandante das Falintil, enquanto 'lider do CNRM'.

O sentido de 'servir' colocado nas funcoes do Comandante das Falintil/lider do CNRM deve ser bem entendido:

- comandar a luta em todos os dominios
- acompanhar a conjuntura politica mundial, da regiao e do país e analisar os desenvolvimentos que se vao operando
- estudar permanentemente o inimigo, analisar com profundidade a sua capacidade nos factores militar, económico, político e diplomático, para extrair com objectividade a percepção sobre as nossas próprias capacidades
- traçar estratégias e tácticas para cada frente da luta, que conduzam a facilitar a estratégia da solução da guerra.
- acompanhar e analisar o desenvolvimento do processo da Resistência, nas suas variadas frentes.
- aprovar estruturas e apoiar organizações da luta e velar pelo respeito aos princípios da Organização e pela disciplina no cumprimento do dever
- emanar orientações e directrizes para responder a conjunturas concretas.

Mesmo que nao tenha cumprido cabalmente esta 'missão nacional', nas competências que detenho, quero realçar a capacidade de traçar estratégias.

Mesmo que não fosse eu, eu não poderia imaginar algum outro, no meu lugar, que abdicasse desta "exigência fundamental" do seu DEVER de 'servir a Pátria'. É na capacidade que lhe é atribuida de traçar estratégias é que reside a base do mando, do Comando, da Direcção.

Não se deve perceber o 'lider da Resistência' como um 'Presidente que vela

pela ordem politico-constitucional de uma Nação'. Diferentíssimo!

Já preso, quando eu 'imediatamente' voltei a decidir assumir as minhas funções, este acto consciente foi primordialmente fundamentado pela necessidade de se assegurar a estratégia traçada de solução.

Eu sei que todos acreditam se eu afirmo que não foi para não perder o 'cargo de lider'. Com plena consciência das minhas responsabilidades pela Pátria e pelo Povo de Timor-Leste, eu sabia que os meus irmãos que eu deixara no mato e nas vilas, não estavam preparados (e a culpa não é deles, a culpa é não termos doutores no mato e termos '4a classe' nas Organizações Clandestinas com suficiente humildade para activar as tarefas), não estavam preparados para encarar os problemas políticos e, por outro lado, as divergências no seio dos próprios partidos e a própria idoneidade politica de RH perante a comunidade timorense e, principalmente, perante o mundo.

Foi na necessidade de se estabilizar a situação politica global e garantir a defesa do Plano de Paz do CNRM que decidi assumir de novo o comando da luta.

Não é da concordância de todos, eu sei, mas já afirmei, e provei isto, que, por eu não estar a ambicionar nada, eu estou moral e politicamente dotado da capacidade de marginalizar quem quer que seja, TIMORENSE do sangue mais puro ou coisa que valha, quando os seus pensamentos, comportamentos e práticas dificultam o prosseguimento da Luta. Os interesses do Povo são superiores aos interesses de quem quer que seja, filho de Timor-Leste. Se eu sou capaz de exigir a um activista da Organização Clandestina disciplina, sacrificio e abnegação, nada posso fazer aos dignos 'Responsáveis Timorenses no Exterior (que) sabem (d)este estado de coisas ... mas preferem ir torneando os obstáculos provocados por RH'.

Nenhum homem, está isento de erros mas, muitos 'Responsáveis Timorenses no exterior (que) continuam trabalhando', não estão capazes de pôr de lado as suas comodidades e entregar-se totalmente à luta, não são capazes de deixar de pensar em si mesmos para se dedicarem apenas à luta, não são capazes de discernir entre os interesses deles próprios e os interesses do Povo.

Eu necessito de homens que estejam onde a luta os chame. A luta não chama apenas para se estar presente em Conferências ou reuniões, a Luta Diplomática exige mais do que isto.

Vamos tentar analisar a Conferência da Resistência recentemente em Lisboa.

Devo ainda dizer que o título foi 'Conferência da Resistência Timorense / Exterior'.

A barra tem um significado político que muitos não alcancam. Se em vez da barra, estivesse no, o conteúdo politico seria totalmente diferente. O NO (Exterior) implicaria que a Resistencia está lá, mora lá, o 'CNRM'/interior não teria funcão e o Comandante das Falintil, deixaria de comandar a Luta.

Porquê?

Porque as Direcções dos Partidos estão lá fora e os partidos representam historicamente os interesses do Povo, antes do CNRM aparecer.

Os obstáculos não foram provocados por RH ou por membros do CNRM presentes naquela Conferência!

3. 'Não vamos aqui analisar todo o processo psicológico e político dessa

decisão politica'.

O erro dos companheiros foi precisamente aqui. Se não se parte para entender esse 'processo psicológico e político', não se consegue perceber que XG, até este momento em que eu escrevo, mantém no RH a pessoa da sua confiança.

A "força das circunstâncias", há uns anos atrás diferentes, continua operante, condicionada por factores mais cruciais: o pensamento estratégico de solução da guerra.

Ninguém afirmou que mais nenhum outro diplomata timorense trabalhou, a não ser RH.

Entre os meus Comandantes, eu não posso negar que todos sofreram as mesmas privações, durante o mesmo espaço de anos. Mas, entre eles, eu devo classificá-los, um por um. Seria paternalismo contraproducente e um total absurdo se os classifico igualissimamente.

Uma importante regra do método de direcção é conhecer os homens. A partir disso, colocá-los onde mais respondem.

O Lere, como Comissário Político e membro do CCF, não serviu. Foi desnomeado e entregou-se-lhe a tarefa de comandar homens para matar o inimigo. Cumpriu!

Falur era Comandante de Companhia, não era muito operacional. Foi desnomeado e entregou-se-lhe as actividades politico-organizacionais. Está cumprindo como Comissário Político.

E ninguém discute, ninguém fica ferido no nariz, todos estão apenas conscientes de que, agora, a missão importante é CUMPRIR, sem reservas!

É verdade, o cenário é diferente quando transposto para a diáspora. Ali, as legitimidades históricas falam e, democràticamente, o Povo Maubere tem que esperar que cada Lider de Partido elabore a sua estratégia e cada Presidente da CCFD pronuncie a sua sentença.

4. 'RH foi-se 'identificando' com o Xanana Gusmão que incarna o CNRM. Mas houve um desvio politico e funcional ...'

O CNRM mantém por cumprir a sua missão unificadora, disto não pode restar dúvidas ... mas, até que a UDT revele as suas condições para se integrar nele. (Até agora apenas eram importantes o problema do 'Maubere' ter que passar a ser 'Timorense', o problema das 'FALINTIL' lembrarem um passado que se devia esquecer e o muro de Berlim que divide a Pátria em Timor-Leste e Timor Oriental.)

O CNRM é visto assim, no plano da política interna, òbviamente com reflexos na política externa.

Mas é bom não esquecer que, por força das circunstâncias que o mundo conhece e, posso pensar, mais inteligentemente que muitos timorenses lá fora (como por exemplo um Olímpio Branco, que já nem risca na DEF, onde não podem com o seu carácter irascivo e conflituoso), o 'CNRM' tornou-se num conceito! Porque o CNRM, hoje, incarna e reflecte um pensamento estratégico, o da solução da guerra!

Este seu carácter é que, não compreendido, é entendido como 'desvio politico e funcional'.

Não sou eu que digo que RH "usa abusivamente o nome do Comandante Xanana Gusmão e da Frente Armada", porque RH representa apenas e em todas as circuns

tâncias o Comandante Xanana Gusmao e a Frente Armada.

5. Se os políticos timorenses, lá fora, não pensassem muito em SI MESMOS mas no povo timorense, teriam compreendido (e SEI QUE COMPREENDERAM E COMPREENDEM MUITO BEM) o alcance desses 'slogans transmitidos para o estrangeiro'.

"Estes slogans são produzidos pela própria CDF no interior." E fizeram muito bem! Demonstraram Unidade de Principios com as FALINTIL!

A CDF está consciente que é componente do CNRM no interior, mas está totalmente em submissão ao Comandante das Falintil. Quando a CDF produz 'slogans (politicamente, chamamos apelos) para o estrangeiro' pedindo que 'devem submeter-se ao CNRM', ele demonstra que tem a mesma percepção sobre a 'substância' da guerra e está com o Comandante das Falintil no traçado da estratégia de solução. Mais ainda, a CDF alerta a DEF (Delegação Externa da Fretilin) para o princípio de que o interno é quem determina e o Comando da Luta está no interior da Pátria.

Se a Delegação Externa da Fretilin não compreende isso, os seus membros ainda não servem para representar os interesses do Povo Timorense que eles representam. (Quero lembrar que, da Fretilin no Exterior, o Estanislau antes não concordava mas hoje já concorda com o Plano de Paz do CNRM e o Sr. Olimpio Branco é quem ainda deve ter a sua própria estratégia de solução. Ele deveria apresentá-la não só à DEF, comecemos a democracia na própria casa, e se ele entende regras da Organização, apresentá-la à CDF. Sim, à CDF!!! E nunca a CDF a ele!)

6. 'A campanha insistente do 'CNRM' a dizer que elas (UDT e FRETILIN) já não existem em Timor-Leste ...'

Esta exagerada afirmacao exagera exageradamente as coisas e nao reflecte a verdade. A pessoa que informou os companheiros sobre isso deve ser FALSA bastante para o fazer! Idoneidades, infelizmente!

'7. Não é 'fora de horas' um apelo ao equilíbrio e moralidade política, por outras palavras, sentido de responsabilidade.'

'Sentido de responsabilidade', tem-no aqueles que se dedicam à luta e não se permitem a discussões baratas para se respeitar a democracia que, em toda esta exposição, tem o sentido de dividir equitativamente o (que aqui neste documento é considerado de) 'poder'.

'Moralidade politica', necessitam todos aqueles que, lá fora, só sabem falar (e dar murros na mesa 'para serem ouvidos'), só sabem reclamar quando perdem autoridade moral e politica por causa dos seus próprios comportamentos e incoerências políticas e falta de iniciativas (muitos vegetam nas suas 'funções', no 'enquanto durar a guerra eu sou'...)

'Sentido de responsabilidade' ... pelo nosso Povo, pela luta. Eu sei que existem pessoas que se sentem líderes quando têm a capacidade de fazer pronunciamentos. A democracia que se pede, lá no exterior, é a capacidade de todos de serem chamados/considerados líderes, porta-vozes, responsáveis politicos, chefes, etc, etc.

O nosso Povo (não) tem vindo a ouvir isso!

Se 'poder' é percebido na capacidade de ordenar, o 'poder' pertence ao Co

mandante das Falintil e não ao RI. O RH é, estruturalmente, subalterno de XG.

O 'sentido de responsabilidade' de RH é a sua visão sobre a política mundial e sobre a luta, a sua capacidade inegável de lidar com os problemas de relações externas, de tomar iniciativas e implementá-las, de apresentar propostas e receber orientações e de marcar os seus pontos de vista com correcção, coerência e auto-confiança.

Já no mato, a muitos membros do CCF que dedicavam o tempo a rodear-se de segurança ... para não morrerem por fazerem falta à luta... desnomeava-os sob 'interesses da luta'. A reacção (quase armada) de 1984, provocada por Kilik (Chefe do Estado-Maior), Mauk Moruk (Sub-Chefe do Estado-Maior), ambos membros do CCF, e outros quadros politicos e militares, foi a resposta ao 'poder' que eu detinha, que era a capacidade de velar pelos interesses da Luta.

Mesmo depois disso, a outros membros do CCF que se mostravam 'cansados' eu preferia os quadros médios, pois estes só tinham um pensamento: servir, servir e servir a luta, cumprindo!

Muitos responsáveis, tanto no interior como no exterior, pensam que é dever de quem representa a luta dar funções a todos, dar autorização a todos para falarem. Esquecem-se que quem representa a luta deve, essencialmente, velar pela disciplina da Organização, doa a quem doer.

Os suficientemente humildes de espírito pedem desculpas não ao Xanana Gusmão, mas a luta do Povo que ele representa. Aos orgulhosos, é costume saltarem fora do comboio para reclamarem.

Todos quantos reclamam sobre 'totalitarismo de poder do CNRM' e 'abuso do poder', estão precisamente a demonstrar que eles pensam no 'poder', que eles, coitados, não têm 'poder'.

Quem fala agora do 'poder', não deve entender o 'poder' que, na Republica de Timor-Leste, nós estamos desde hoje a tentar salvaguardar aos partidos. Quem fala do 'poder' agora, deve estar a pensar que o CNRM está já a arranjar um quadro de governo totalitário para depois da guerra. Quem reclama o 'poder' agora, não esconde as suas ambições, no tempo em que o Povo ainda sofre ... para obter a independência!

Assim,

Não vejamos o termo 'poder' na explicação que se deu, tão belissima mas teòricamente inadaptável, ao problema da estrutura da resistência no Exterior e da Unidade Nacional.

Esse tal 'poder (que) - como lei - é um elemento essencial da politica , que é ligado a natureza contingente dos dados politicos' não se adapta muito à situação, porque pretende que todos os que estamos na estrutura da Resistência estamos a assumir o 'poder', percebido em governos e estados.

Eu não percebo assim, eu percebo é a capacidade de executar tarefas em função da luta, da Resistência oferecida pelo nosso Povo ao invasor.

O que acontece, no seio dos partidos é o fenómeno da corrida (desde agora) ao (futuro) PODER político. Esta falta de humildade, esta negativa de submissão ao interior é o sintoma próprio de antecipação da luta pelo poder politico.

E isso não é o que acontece com o CNRM. 'O CNRM diplomático do RH' está engajado a solucionar o problema de Timor-Leste, onde os partidos farão de-

mocracia e lutarão pelo poder, quando o território for independente.

É por isso que quase pedimos a todos que nos 'deixem' salvar a Pátria e depois se encarregarão de a fazer florir. É este o espírito das Falintil, que não ficam ressentidos em absoluto, por a UDT dizer que há muita força de UDT nas montanhas.

Se, por amor à democracia, terá que se fazer votações por facções, somos muito crianças politicamente, não mostramos maturidade política, mas orgulho, ambição.

'8. Para certos sectores do 'CNRM' no estrangeiro, a Fretilin já não existe no interior. E procuram fomentar essa 'realidade' junto dos organismos de solidariedade'.

Quem informou isso aos companheiros é um estúpido. Não é político, é político de meia-tijela, é político da má-lingua e não merece o meu menor respeito.

Quem tem medo que a Fretilin está a morrer no interior, não conhece o interior. Quase a totalidade dos elementos da Renetil são da Fretilin, mas assumiram o pensamento do CNRM sobre o apartidarismo da luta,

que não são os partidos que estão a comandar a luta mas o Comandante das Falintil,

que, neste momento da guerra, o esforço de todos deve concentrar-se em como pôr fim aos sofrimentos do Povo

que a estratégia política de 'diálogo sem pré-condições' é a mais correcta e

que o Plano de Paz do CNRM é a mais objectiva e realistica tendo em conta todos os factores politicos e juridicos da ONU e da comunidade internacional.

Sabem estes jovens sacrificar os seus próprios interesses partidários, porque sabem que, depois da guerra, o CNRM não terá razaõ de continuar a existir, morrerá e será sepultado nas montanhas de Timor-Leste junto dos cadáveres dos guerrilheiros sem campa.

Não chamemos a Solidariedade de parva, a Solidariedade acompanha bem as mazelas infantis dos DIRIGENTES POLITICOS Timorenses, conhece quem fala muito e se preocupa a ganhar dinheiro para si mesmo, quem levanta a voz por algum tempo e depois desaparece, queixando-se de que outros não lhe deram oportunidade, etc,etc,etc.

Foi a Solidariedade que 'forçou' a Convergência Nacionalista. A solidariedade sabe o que é CNRM, o que o CNRM quer, se alguns jovens falam assim ou assado, a solidariedade sabe o grau político e cultural desses jovens. Não foi a UDT nem a Fretilin que se preocupou com a camada enjeitada da comunidade timorense em Lisboa, foi a Solidariedade que está ajudar os rapazes a continuar os estudos. Os partidos onde estiveram? os líderes timorenses onde estão? Não comparemos as pessoas que nos apoiam desinteressadamente a nós mesmos, com muitos interesses politicos (não) ocultos.

9. 'Os fundos usados em nome da Resistência são exclusivamente usados por RH e pela sua equipa ('CNRM').'

Aqui, o erro matemático na contagem regressiva do tempo só indica a animosidade clara que se tem a um indivíduo, RH.

A FC/RA só começou a receber dinheiro a partir da 'criação' do 'CNRM diplomático'. Não nego que, antes disso, individualidades estrangeiras e, depois disso, grupos de jovens timorenses ou individuos (o José Amorin mandou um pouco das suas economias mais de um par de vezes, ùltimamente), também enviaram algum donativo.

Os dois partidos, que historicamente precederam o 'CNRM', podem apresentar as contas à Comunidade timorense?

Podem justificar o não envio até agora de alguma esmola à RA?

So o Comité da Fretilin em Darwin se preocupava em mandar medicamentos.

Se houve um período em que Konis não recebia dinheiro, devo dizer que ali fora não há bancos timorenses, onde se vai assinar cheques quando se quer.

É necessário TAMBÉM lobby e o 'CNRM' dispôs seus quadros a fazerem isso. Desde 1992 que a RA/FC podem dizer que são assistidas pela Organização da luta.

Seria lógico também perguntar se a UDT e a Fretilin têm vindo a angariar dinheiro para a Resistência. Antes e agora, já que o CNRM diplomático só começou a actuar a partir de 1992. Repito:

Só a partir de 1991, que a Frente Armada e Clandestina tem vindo a receber dinheiro do 'CNRM diplomático'. Para isso, foi e é preciso lobby. Não existem bancos onde se vai assinar cheques.

Deveriamos saber tambem como foi a questão de fundos desde 1975 pelos dois partidos. Lógico, não?

10. Na verdade, se olharmos para o pensamento para que foi criado o CNRM, em 1987, podemos dizer que "é desinterpretar o CNRM que deveria unificar todos os timorenses nesse Conselho que é, por natureza, nacional."

Mas todo o processo é uma luta de contradições e é essa luta perene que o faz desenvolver. As contradições/ factores que se opõem, não possuem a mesma dimensão dentro do processo. Uma análise correcta de um processo é a capacidade de retirar/achar desse confronto, a contradição principal, o factor que é a substância desse processo.

Mas também não há processos estáticos com os factores, se escalonados, permanecendo nos respectivos postos. As mudanças de estádio no (processo de) desenvolvimento de um processo podem revelar alteração de lugares dos factores que são esse todo do processo, constituindo-se uma conjuntura.

É assim que se o objectivo da criação do CNRM era 'unificar todos os timorenses', esse objectivo permanece e permanecerá.

A condição política básica para que isso se desse, em 1987 e 1988, era diferente da de 1989 e 1991 e diferente de 1992 para cá.

Para mim, o 'manequin no1' do xadrez politico timorense, os verdadeiros manequins são os responsáveis políticos timorenses que só sabem reclamar direitos para si, quando o Povo sofre e morre pelo direito de todos.

11. 'Guerrear viril e destemidamente' nao é a linguagem política acertada.

Se 'quase afectivos' é dirigida a mim, eu não nego e confesso que não estou arrependido de manter estes laços estreitos "com elementos e grupos da assim chamada 'Oposição indonésia'". Aqui, membros do 'CNRM diplomático' não gostaram que eu decidisse apoiar financeiramente esses grupos com o dinheiro

que levaram meses para recolher. Não puderam mudar a minha posição, existem diferenças mas, eu detenho o 'poder'! Maravilha é que continuamos juntos trabalhando com a mesma seriedade.

Estratègicamente para a luta, existem duas dimensões políticas e um trabalho diplomático, que até hoje não era muito considerado.

Estratègicamente, a visão politica que devemos ter deve corresponder às necessidades da luta e as necessidades aparecem em conjunturas próprias e podem prolongar-se ou não, podem influenciar ou não.

Os grupos da 'oposicão indonesia' que se solidarizam com o Povo de Timor-Leste, tomaram forma muito recentemente.

Estamos em guerra com a Indonesia, e temos que conhecer a Indonésia, em princípio, nosso inimigo.

Ao conhecer o nosso inimigo/o regime, devemos compreender o regime, o porquê da sua postura, a sua força e a sua fraqueza. A sua capacidade de continuar a negar-nos o direito.

Em 1984, eu escrevia ao Abílio Araujo, enquanto Secretário da DFSE e eu ainda membro do CCF: 'chamemos a UDT, ajudemo-lo a erguer-se de novo como partido, e se ainda não pode andar, demos-lhe as mãos para caminhar ao nosso lado'.

É o mesmo comportamento que tenho agora para com os "grupos da assim chamada 'oposição indonesia'", que, melhor dito, seria, a solidariedade indonésia.

Com eles, não há dificuldades, é apenas necessário que esclareçam ao Povo indonésio do nosso direito, e condenem o regime de nos estar a oprimir.

As prerrogativas para as relações são simples demais.

Com as várias Direcções Politicas dos Partidos e facções politicas Timorenses, a Unidade deve ir para além do Comum desejo de independência.

III - PERSPECTIVAS DE REALISMO POLITICO

Nenhuma luta de libertação exigiu tanta democracia e repartição de poderes como a do Povo Timorense.

R Horta é uma figura política na história de Timor-Leste. RH foi o promotor dos encontros para a fundação da ASDT e desde 20 de Maio de 1974 a esta data é o único político timorense que se pode orgulhar de ser COERENTE nas suas convicções ideológicas.

Por Nova Yorque, passaram já, por turnos, Abilio Araujo e Mari Alkatiri. Ao tempo do A Araujo tivemos a maior derrota de sempre nas votações da ONU.

RH é o mais viajado diplomata timorense e a sua experiência nesse campo não pode ser comparada. Eu devo ser honesto a dizer que tenho experiências ~~experiencias~~ na condução da guerra e aprendo com RH a perceber os dificeis meandros da diplomacia. A diplomacia é uma arte, assim como a guerra é uma arte. A própria política, nas corridas internas partidárias pelo poder, é um jogo de manobras.

Constitui um insulto a RH afirmar que se 'acapou do poder' e eu não tolerarei isso.

Eu não tenho nada a ver com os dirigentes timorenses que estão no exterior, mas quando falarmos de autoridade pessoal, fazemos perguntas a todos sobre autoridade moral e politica que cada um revelou ao longo de 21 anos de sofrimen

to Povo Maubere.

Numa contínua coerência!

'1. A crise estrutural da RDRM agravou-se ainda mais com a decisão unilateral do RH ...'

O termo 'decisão unilateral' significa que RH nunca esteve em contacto permanente comigo. RH, enquanto ainda membro da DFSE, nunca me escreveu por disciplina da Organização.

A própria DFSE nunca me escreveu (salvo uma mensagem recebida em Maio de 1983), porque o Dr. A Araujo boicotava os meus documentos e era Presidente da Fretilin.

Depois da ruptura do RH com a Fretilin, sempre se manteve em contacto comigo, exceptuando todo o período em que fui mantido em total isolamento.

RH nunca tomou decisões unilaterais. Entreguei-lhe INICIATIVA DE ACÇÃO, dentro do mesmo pensamento estratégico.

No período de colocação das representações diplomáticas do CNRM, deve-se ter em conta a situação politica dentro dos 2 partidos. Querem os companheiros dar um relance a isso? É melhor que recolham os dados lá de fora mas de várias fontes e não apenas de um frustrado.

A luta não podia esperar que os partidos e seus Chefes se guerreassem, não podia esperar que as verdadeiras lutas pelo poder nos mostrassem os vencedores e os vencidos ... para retomar a marcha!

'1.1. Primeiro. Os representantes diplomáticos dos partidos politicos pre-CNRM desde 1975 ...'

Vou descrever alguma coisa sobre isso:

1 - UDT - federalista - independentista - integracionista

2 - A partir de Dez.1975,
Moisés do Amaral, Delegado da UDT, cria uma Comissão Politica para manter o ideário da UDT pela independência de Timor-Leste. Ele foi eleito/designado/escolhido Presidente desta Comissão Politica da UDT, fiel à UDT nascida em Maio de 1974.

3 - Em 1977, lideres da UDT que tomaram parte na invasão a nossa Patria, fixam-se na Austrália.

4 - Em 1986, a UDT do João Carrascalão acorda para o problema de Timor-Leste e começa a reivindicar legitimidades e títulos. Mas a personalidade ~~pena~~ do Dr. Moises do Amaral não permitiu avancos.

5 - Em 1989 ou 1990(?), Moisés morre e Paulo Pires assume a Presidência da Comissão Politica e com o Vicente Guterres não reconhecem legitimidade da UDT de João Carrascalão e Domingos de Oliveira.

6 - Em Janeiro de 1994 - por favor, notem isto! - 1994, a UDT do Sr. Engenheiro João Carrascalão derrota a facção do senhor Dr. Vicente Guterres.

7 - Paulo Pires, foi um representante diplomático da Resistência Timorense, agora amigo do álcool, saiu da UDT e arrumou as botas. Ninguém o silenciou ... creio eu!

8 - Tanto a UDT do Dr. Vicente Guterres como a UDT do Sr. João Carrascalao defendem o REGRESSO DE PORTUGAL PARA PROSSEGUIR A DESCOLONIZAÇÃO!

Eu defendo o diálogo com a Indonesia sem pré-condições e aponto o Plano de Paz do CNRM como a via da solução que possa sob mecanismos internacionais, conduzir o Povo Maubere a expressar livremente sobre o seu destino.

Iria passar credenciais ao Dr. Paulo Pires ou ao Sr. Engenheiro João Carrascalão? É possível pensar-se que um Comandante passe credenciais a Presidentes de Partido? Qual seria, caso isso fosse miraculosamente possivel a confusão (de dimensões estratégicas) que a minha ingenuidade democratizante iria produzir para a Luta?

Da Fretilin:

1 - Só ainda no ano passado se deu a expulsão do Dr. Abilio Araujo da Fretilin. Legitimidades em jogo ... pelo poder, note-se!
2 - O Dr. Abilio era Homem suficiente para não se vergar a aceitar credenciais de um Comandante.
3 - Passar ao Sr. Olimpio Branco e aos companheiros Zelugo ou Roque, por exemplo?

O Sr. Olimpio Branco não aceita o Plano de Paz do CNRM e os companheiros Zelugo e Roque defendem este Plano. Qual seria a confusão na Representação Diplomática?

E as consequências? O mundo diria que os Timorenses são democraticos mas não querem pôr fim ao sofrimento do seu Povo!

Não me parece que mesmo com o 'CNRM diplomático do RH' a totalizar as actividades, os representantes dos Partidos não tiveram ocasião de 'romper o silêncio' ou emergirem do seu 'segundo lugar' nos fora internacionais este tempo todo ... até antes da Conferência de Lisboa. Houve, sim, uns que não muito 'sabiamente' se silenciaram a si próprios e se relegaram a um terceiro lugar, por culpa das suas próprias ambições pelo poder!

'1.2. É obvio que os que 'trabalham para o CNRM' e que também (ou todavia) se confessam membros da UDT ou da Fretilin, estão nas estruturas do 'CNRM' como individualidades que, ainda que altamente eminentes, não representam os 'seus' partidos.'

Esta situação é verdadeiramente o termómetro da atmosfera política no exterior. Esta situação revela que o 'CNRM diplomático' não é um 'partido do RH'.

Terão sido levados por RH, porque eram inocentes demais para não perceberem 'as manobras politicas do RH? Terão sido arrastados por RH, por 'corrupção'?

Ou, como alguns jovens na Austrália e Portugal me escreveram 'filiando-se' no CNRM porque estavam decepcionados com os seus líderes politicos, estas individualidades (recrutadas da Fretilin e da UDT) tomaram consciência de que, enquanto os seus Partidos não fossem capazes de rever as suas posturas, eles deveriam juntar-se ao RH para defender o pensamento estratégico do CNRM na solução do problema?

2. Não nego que há necessidade de continuarmos todos a pensar na 'importância, actualidade e urgência da Política da Unidade Nacional! Todos os timorenses devem participar na Construção desta Unidade e todos continuaremos a trabalhar nesse sentido.

2.1. Quanto à 'exclusão estrutural dos partidos politicos das estruturas do CNRM no exterior', as razões são outras e ~~numa~~ nunca da negação da 'existência destas organizações'.

Paradoxalmente, a 'totalitarização do CNRM', por 'manobras politicas, corrupção e pragmatismo' do RH, salvou o CNRM do interior da Pátria.

A obedecer-se que 'em política podem-se e devem-se unir unidades distintas', não deviamos olhar apenas para os 2 Partidos, deveriamos considerar todas as facções existentes no seio da comunidade timorense no Exterior. E quero lembrar que estas facções não foram provocadas por RH.

Se tivessemos que realizar "um ambiente de tolerância e de democracia", uma verdadeira e ampla Frente Diplomática da Resistência deveria englobar todas as facções e grupinhos existentes no exterior:

A UDT do Sr. Engenheiro João Carrascalao, a UDT do Dr. Vicente Guterres, qualquer coisa do Dr. Azancot Menezes, a Fretilin do Dr. Abilio Araujo, a DEF, o grupo de Doutores e Engenheiros de Macau.

Esta seria uma verdadeira Unidade e não sei se me esqueci de algum grupo ou grupos e esses grupos que me perdoem.

Uma unidade estrutural assim é qualquer coisa absurda. E só concebo unidade, na base de princípios, os princípios de condução da guerra.

A luta diplomática é complexa e exige visão, perseverança, auto-confiança e trabalho programado.

Não sera brincando a discussões democráticas que se prepara a democracia no futuro.

O conceito democrático de submissão da minoria à maioria, não pode ser apenas entendido no acto das votações, mas na consciência de que os interesses de grupos devem submeter-se aos interesses da luta.

E se cada grupo que, 'legítima e historicamente representa os interesses do Povo', finca o pé de que o seu ponto de vista representa a maioria/ interesses do Povo que representa, a democracia será 'música de propaganda que se chama ... boicote' (acrescentamos) consciente aos esforços para se pôr termo ao sofrimento do Povo.

Em politica, não se unem unidades distintas, mas coexistem unidades distintas.

Uma coisa é fazer guerra contra a poderosa Indonesia que consegue, economicamente, subornar os centros mundiais do poder e outra é governar o pequeno Timor-Leste. Um 'totalitarismo' num (porque ainda não é ainda estamos em guerra) Timor-Leste independente só pode ser resultado de uma Constituição ' a la Pancasila'. Nunca por vontade do RH! Nem sequer do XG que ainda pode gabar-se de ter uma centena de estarrapados com armas automáticas para furar a barriga dos políticos.

Porque as representações diplomáticas devem identificar-se com a estratégia traçada pelo Comandante das Falintil?

Se, no país A/região ou momento, António do Grupo I fala da solução x, no país B, região e outro momento, Fernando do Grupo II defende a solução y, na na instância internacional C, Xisto do Grupo III diz que a solução z é a melhor, o mundo vai dizer (como está dizendo sem muitas vezes nos darmos ao trabalho de prestarmos atenção) que os Timorenses ~~são~~ estão verdadeiramente Democratiza-

dos e são um lindo exemplo da Unidade! A prova é que todos defendem a independência, mas ainda não acertaram na via única (totalitária?), talvez mesmo por quererem construir um ambiente de tolerância e democracia!

2.2. 'Poderá isto significar que Xanana Gusmão não depositaria confiança nenhuma nos 'outros' diplomatas Timorenses, que também existem politicamente (e legìtimamente) mas que não são (seus) representantes especiais?'

Sim e não, obviamente sem o qualificativo 'nenhuma'! Sim e absoluta, se pensarmos que todos defendem o direito do Povo de Timor à independência!

Não, se se considerar que eles não estão de acordo comigo na via de solução, ou nos princípios da Organização da luta, ou na não aceitação do CNRM ou na não aceitação de que o Comando da Luta está no interior da Pátria.

'O Comandante Xanana Gusmao poderia unir todos os timorenses no exterior como companheiros de luta: neste estado actual das coisas, o perigo seria assistir, a curto ou a longo prazo, a exclusão, a deslegitimação dos representantes dos partidos e a obliteração da prática democrática no mapa político Timorense.'

Muito feio este mapa descritivo! Demasiado pessimista, porque não vê na CCFD um 'passo em frente' mas estagnação.

'Exclusão', quando os Representantes da Resistência designados pela CCFD são dos dois partidos?

'Deslegitimação', quando o Sr. Engenheiro João Carrascalao é hoje o coordenador da CCFD?

As previsões são demasiado superficiais e levianas.

O Dr. Vicente Gutérres manifestou ao 'totalitário' RH que desejava fazer parte da CCFD. RH respondeu-lhe que, pessoalmente, ele não teria nada absolutamente em contra e tinha todo o interesse nisso mas a CCFD tem por princípio que todos os seus membros (=grupos) devem reconhecer-se mùtuamente. Havia o diferendo entre UDT/Carrascalão e UDT/Guterres. O Dr. Vicente Guterres prometeu que iria participar no próximo Congresso da UDT/Carrascalão.

Tolerância e respeito e democracia, cujas regras também dependem de certos princípios.

'Essas missões têm um prazo, não são indefinidas, nem no tempo nem na substância.'

Não é tão simples como se podia desejar a reorganização no exterior, qualquer que tivesse sido a pessoa indicada.

Demasiadas ambições políticas, demasiadas susceptibilidades individuais, demasiados interesses partidários e demasiada intelectualidade ... no tecido político da comunidade timorense no exterior!

Estes factores é que têm a culpa na não reorganização do CNRM no exterior.

Aceitará o Presidente da UDT representar o Comandante XG? Lògicamente, politicamente, legìtimamente e històricamente, isto não tem cabimento! O Presidente de um Partido histórico, nascido a 18 de Maio de 1994 ser subalterno do Comandante das Falintil?

O 'CNRM diplomático' não se equipara à Fretilin ou à UDT, em termos de força política. Mas equipara-se aos dois partidos em termos de opinião politica.

Não posso forçar ninguém (e até respeito imensamente o Grupo de Macau) a aceitar a estratégia de solução do Comando da Luta no interior da Pátria,

mas reafirmo que enquanto não me apresentarem outras fórmulas, fundamentadas, que apresse o fim dos sofrimentos do Povo, não haverá lugar para unidades folclóricas.

Não quero falar de Burg Schlaining porque as figuras lá foram o Chico Lopes e a embaixatriz D. Abate. (Sabem porquê? O Chico andou a distribuir uns rokos de Abate 'hadiah dari pemerintah'. da Tutu)

3. 'A CCFD só poderá funcionar como Órgão Máximo da Resistência no plano externo, quando o partido fantasma 'CNRM' que integra a CCFD desaparecer...'

Talvez os pressupostos sejam mais difíceis que os enunciados a seguir às reticências, porque poderão existir nos números a seguir aos 'mais' (desde a página 16 à página 19).

C O N C L U S Ã O

1. 'Propomos a reorganização do 'CNRM', que infeliz e absurdamente produziu a CCFD, que, mais do que remediar o problema, criou outro'.

Quanto a mim, dada a complexa situação política lá fora, a CCFD foi já um passo importante na direcção do reajustamento estrutural.

Tudo agora vai depender da vontade política dos responsáveis de Partidos no acatamento dos princípios que norteiam uma situação de guerra, como é a nossa.

3. Quanto ao Plano de Paz, falarei disso noutra via.

Alguns protestam que não foi produto de discussão, outros reclamam que também possuem os seus próprios planos ou as suas próprias estratégias de solução.

Quanto à UDT, qualquer uma das facções existentes, deseja o regresso puro e simples de Portugal.

O companheiro Mari enviou-me um seu plano, que já respondi e sei que aceitou os meus pontos de vista sobre o seu plano e o Plano do CNRM.

Da Fretilin, está o Sr. (não sei se e Dr. ou Engenheiro) Olimpio Branco que não aceita o Plano mas ainda não apresentou nenhum.

O Sr. Dr. A Araújo, que tinha reservas sobre o Plano de Paz do CNRM, porque para o seu grupo o Plano indicava para uma autonomia integrada, possuia uma outra estratégia que o Dr. José Belo e o Padre Constâncio Gusmão não me quiseram dar a conhecer, embora insistisse nisso. Em resposta, pediram-me o benefício da dúvida que, sem hesitação, lhes concedi. Passaram à reconciliação e, na ideia de obterem sucesso nalgumas (para a luta) reivindicações que todos sabemos, Chico Rupia soube levá-los a fazer comunicados e declarações negando a invasão e agradecendo o Bapak Pembangunan que até vem defendendo o 'HAM' do Rakyat Tim-Tim.

Existe uma máxima revolucionária, de muita aplicação em situações como a nossa de guerra de libertação, que previne a todos de que os orgulhosos, os ambiciosos, cedo ou tarde demonstrarão a sua verdadeira face.

Serão eles que, por interesses pessoais mesquinhos ou de grupos, porão sempre obstáculos (muitas vezes sem valor nenhum) ao desenvolvimento do processo.

Hoje, a nossa luta está num estádio que exige toda a nossa atenção na defesa da via da solução. Dizer, por exemplo, Referendum, é fácil, todos podemos gritar isso todos os dias.

Como se pode realizar o Referendum? Lembro-me agora do ponto 1.2, da página 3 do documento, que vou reproduzir:' ... "RH é o único que pode solucionar a questão". MRS deve ter-se esquecido de XG, da UDT, Fretilin, e (talvez fosse bom não esquecer), da Igreja Católica. Não há solução que não passe através da unidade de todos os Timorenses.

Há 3 pontos a considerar aqui:

1 - Igreja Católica. Será que a Igreja Catolica já possui a estratégia de solução da UDT? Da Fretilin? Do Dr. Abilio Araujo? Do Grupo de Macau? Será que a Igreja Católica já se pronunciou sobre essas estratégias? Ou será que a Igreja Catolica tem também um plano de solução? Receberiamos com muito gosto ...

2 - Não há solução que não passe do consenso de todos os timorenses. O sentido é mais claro. Esse comsenso será a condição sine qua non da Unidade, em termos estruturais, em termos de planeamento de trabalhos diplomáticos, em termos de aplicação das pessoas, pela sua capacidade e autoridade moral e politica e não para equilibrar a distribuição de 'poderes'.

3 - Mesmo que um Partido ou uma personalidade timorense não aceite o Plano de Paz do CNRM, se o 'CNRM diplomático' trabalhar com cabeça, abnegação, persistência, tenacidade e disciplina e submissão ao Comando da luta, eu tenho a certeza que vamos solucionar o problema de Timor-Leste.

Todo e qualquer plano é subjectivo, e a sua objectividade revela-se na relação que existe entre a ideia e a realidade objectiva. Quanto mais a ideia provém das condições concretas da realidade, mais objectivo é o plano. Porque, ao mesmo tempo, é subjectivo, isso significa que a realização do plano está condicionada ao próprio desenvolvimento da realidade, porque nenhuma realidade é estática. Isso quer dizer que, as ideias devem evoluir à medida que a evolução da realidade assim exige. Quando digo que as ideias evoluem, isso significa que antes da realização e durante o acto da realização, circunstâncias podem pedir acréscimo, anulação ou revisão de partes do plano.

Re-examinar o plano é pretender que se corrijam os pontos componentes do plano, antes de se concordar com a via da solução, com a estratégia em si mesma de solução e, antes mesmo que o inimigo aceite o plano.

O esforço do 'CNRM diplomático' é na aceitação da fórmula da solução, apresentada como o Plano de Paz do CNRM.

A 'exigência do CNRM/ interior' é que todos quantos querem pôr termo ao sofrimento do Povo apoiem o Plano de Paz do CNRM, porque é o Comando da Luta quem melhor do que ninguém conhece as condições objectivas no terreno e RH colocou essas condições à capacidade diplomática do Povo timorense de receber amplo apoio da comunidade internacional na sua pressão sobre Jacarta.

Jacarta só aceitará o Plano, sob pressão internacional e NUNCA por Vontade própria, a não ser que o Regime se torne democrático!

O Dr. A Araújo pensou que iria influenciar os generais de Jacarta! A Austrália traiu o Povo de Timor-Leste por interesses económicos que retira das relações com Jacarta, ùltimamente, países tradicionalmente anti-colonialistas, estão esquecendo o problema de Timor-Leste e escolhem a cooperação económica

com a Indonesia.

Não se pode pensar que só a Unidade dos Timorenses é o factor decisivo da solução. O factor decisivo da solução é a inteligência e a perspicácia da "face diplomática da Resistência" explorar a 'boa-vontade' dos próprios parceiros económicos da Indonésia.

Temos que ser objectivos, realistas e pragmáticos quando analisamos o problema da diplomacia, porque diplomacia (a nossa) não é apenas gritar que temos direito à independência ou morremos em Timor-Leste para, lá fora, os nossos representantes gritarem que mais um morreu!

Para esclarecer de uma uma vez por todas, se ainda existem obstáculos, eles não são da autoria do RH. Eles pertencem a todos quantos não querem entender que é necessário pormos fim aos sofrimentos do Povo Maubere.

Se é necessário, para salvar o Povo e a Pátria, que o CNRM se arrume para dar lugar a uma outra liderança da Resistência, eu estou pronto a resignar-me. Contudo, nenhum timorense (a não ser os meus guerrilheiros) terá a ousadia de me demitir como Comandante das Falintil.

E, enquanto Comandante das Falintil, não me vergarei a estratégias descabidas de solução e levarei o Povo Timorense e todos quantos estiverem dispostos a defender o Plano de Paz das Falintil (ex-Plano de Paz do CNRM ou ex-Plano de Paz do RH).

Para terminar, devo dizer aos companheiros que não tenho nada a opôr-me ao Organograma (pag. 22). Só esperemos que os líderes timorenses no Exterior compreendam a necessidade de mudanças de atitudes.

Para se conseguir uma Frente Diplomática Unida, a condição básica, neste momento actual, é a aceitação de certos Princípios, pois só eles proporcionarão uma REAL COMUNHÃO DE OBJECTIVOS!

Isto aqui não é um 'pleidoi' ao RH, mas a DEFESA DOS INTERESSES DO NOSSO POVO que já sofre vão 20 anos!

Sempre vosso

Companheiro e amigo

Pel' O CNRM,

Kay Rala Xanana Gusmão

Cmdt. das Falintil

Prisão de Cipinang, 28 de Setembro de 1995.-